

COLLEGAMENTO CH
Rocca di Papa, 13 de fevereiro de 2016

“Diálogo, via obrigatória para a paz”

1. **Abertura e saudações**

ÍNDIA

2. **Dialogando com Maria Voce (Emmaus) e Jesús Morán**
3. **Algumas etapas do diálogo Hindu-Cristão (2001-2004)**
4. **Índia – o desafio do diálogo**
5. **Índia – o projeto Ilanthalir (“novos rebentos”)**

NOTÍCIAS DO MUNDO

6. **Síria – telefonema com Damasco**
7. **Suíça – Basileia, uma cidade contracorrente**
8. **USA – é apenas uma questão de relacionamento.**

DUAS COLUNAS DA “PRIMEIRA HORA” DO MOVIMENTO DOS FOCOLARES

9. **Dori Zamboni - Estar no “jogo” da vontade de Deus**
10. **Giorgio Martelli (Turnea) – o dia que revolucionou o sindicalista**
11. **Tailândia – dialogando com Grão-Mestre Ajahn Thong**
12. **Chiara Lubich: A potência criativa da escuta que gera diálogo**
13. **Conclusão**

1) ABERTURA E SAUDAÇÕES

Maria: Olá a todos e bem-vindos a este nosso encontro planetário!

Gianni Salerno: Bom dia a todos daqui de Rocca di Papa, perto de Roma!

Maria: As imagens que vimos nos levaram à Índia. A viagem que faremos hoje começará com esta terra, porque Maria Voce, Emmaus, e Jesús Morán voltaram dali há pouco tempo e estão aqui conosco. Bem-vindos! (Aplausos)

Gianni: Viveram um mês bem intenso, visitando várias regiões, mas daqui a pouco nos contarão.

Maria: Sabemos que este horário é bom para que muitos grupos da Ásia, África, também da América e da Oceania, onde talvez estejam mais acordados, possam acompanhar a transmissão.

Cumprimentamos especialmente os amigos que vieram de Benevento e de Avellino, no Sul da Itália. (Aplausos) E também os jovens de Portugal reunidos em Lisboa para o congresso dele. E a todos os que acompanham a transmissão (Aplausos)

Gianni: Somos Gianni...

Maria: ...e Maria.

Gianni: Estamos casados há 29 anos, temos 5 filhos e somos de Milão. Há poucos meses nos transferimos para o Centro do Movimento dos Focolares para colocar as nossas energias, capacidades e tempo a serviço da Secretaria de Famílias Novas aqui em Roma. Eu era diretor de uma empresa e deixei o trabalho; Maria é professora, conseguiu a transferência e ensina aqui perto de Rocca di Papa. Os dois filhos menores vieram conosco e os três maiores ficaram em Milão para completar os estudos.

Foi uma transferência difícil, mas a coisa mais importante para nós foi o acordo de toda a família. Isso nos ajudou a superar as dificuldades que encontrávamos. Agora estamos aqui, muito contentes em iniciar esta maravilhosa aventura. (Aplausos)

Maria: Então, comecemos...

Gianni: Antes de prosseguir queremos cumprimentar calorosamente Eli, que está aqui conosco. (Aplausos) Eli, cinco dias atrás, completou 90 anos! (Aplausos) Ela viveu mais de 50 anos com Chiara, e [foi quem] começou com ela o coligamento CH. Obrigado, Eli e felicidades do mundo inteiro! (Aplausos)

2) DIALOGANDO COM MARIA VOCE (EMMAUS) E JESÚS MORÁN

Maria: Vamos entrar no coração da viagem à Índia. Foi feita uma escala em Dubai, com um festoso encontro da comunidade local. Vamos ver algumas imagens.

(música)

Gianni: Uma escala técnica em Dubai deu a possibilidade de encontrar uma maravilhosa comunidade em festa. Mas vocês chegaram há cerca de 48 horas; fizeram uma viagem complexa, e me parece que percorreram cerca de 16.000 Km, com 13 voos pela Índia. Vocês chegaram em Nova Delhi, depois foram para Bangalore, Coimbatore e para Trichy no Sul, para depois chegarem a Mumbai. Uma viagem maravilhosa. Então nos digam logo uma impressão, Emmaus.

Emmaus: A primeira impressão foi a seguinte: eu parti esperando encontrar um mistério, no sentido de algo completamente desconhecido. Voltei com a impressão de ter encontrado um mistério ainda maior do que havia pensando. Porém, não um mistério no sentido de desconhecido, mas um mistério no sentido de algo grandioso, profundo, absoluto. Acho que este mistério vai se revelar aos poucos e fico feliz em ver que os membros do Movimento na Índia irão descobri-lo, fazendo com que todos nós o descubramos.

Jesús: Os sentimentos dessas primeiras horas são, por um lado, um grande desejo do absoluto, que esta viagem me deixou. Um desejo de interioridade. Depois, sinto muito forte o amor pelo pluralismo. Não ter medo da diversidade; ver a beleza das pessoas. Havia sempre muita gente, muita gente. Nesse sentido é muito claro na Índia que os jovens são o futuro. Encontramos muitos jovens, adolescentes. É um subcontinente jovem. E finalmente este orgulho de ter recebido o dom do carisma da unidade e o orgulho da Obra de Maria ali, como Emmaus disse. Esses são os primeiros sentimentos.

Gianni: Obrigado.

3) ALGUMAS ETAPAS DO DIÁLOGO HINDU-CRISTÃO (2001-2004)

Maria: Uma das maiores riquezas que vocês encontraram na Índia foi a realidade do diálogo inter-religioso, que nasceu da vida dos primeiros focolarinos que chegaram ali ainda na década de oitenta e que prosseguiu com Chiara, com relacionamentos profundos, fortes. Vamos ver uma breve filmagem sobre isso.

(música)

Chiara Lubich¹: Eu vim à Índia com o desejo de escutar, de aprender com vocês e para abrir possivelmente um cordial diálogo com vocês, em quem vejo muitos irmãos e irmãs. [...]
(música)

Sig.ra Minoti Aram²: Ela é mais Gandhiana do que todos nós.

Shri. Krishnaraj Vanavarayar³: Chiara vai além das religiões e é por isso que podemos nos encontrar e dialogar. Somente uma pessoa que fez a experiência de Deus pode agir assim.

Chiara Lubich⁴: [...] Nós queremos realizar a chamada “regra de outro” presente em todas as religiões, também no hinduísmo: “Não faça aos outros o que não gostaria que fosse feito a você”. [...]

Chiara Lubich⁵: Dialogar significa acima de tudo colocar-se no mesmo nível, não ter ideias prioritárias ou querer ser melhor do que os outros, mas abrir-se para escutar o que o outro tem dentro de si, esquecer tudo para entrar no outro. Depois, naturalmente, requer que o outro também nos escute. Agindo assim é possível perceber os elementos comuns que possuímos e colocar-nos de acordo para vivê-los juntos. É este o diálogo concreto. (música)

Gianni: Vocês conheceram muitas destas personalidades hindus e me parece que tiveram encontros muito significativos.

Emmaus: Muito importantes.

Gianni: Contem-nos alguma coisa...

Emmaus: Eu fiquei muito impressionada em ver quanto eles vivem de Chiara: do pensamento de Chiara, da amizade que construíram com Chiara, do relacionamento que têm com ela. Porém para eles não é apenas uma lembrança. É uma realidade viva, atual, também porque este relacionamento continuou durante todo esse período, com as pessoas que estão ali, e cultivaram esta vida. Porém, o fazem com uma intensidade extraordinária.

Eles conhecem Chiara melhor do que nós em certas coisas, citam Chiara continuamente. Dizem até a página do livro onde leram tal escrito, num modo impressionante. É uma realidade. Não é uma coisa abstrata. Por isso nos acolheram como teriam feito com Chiara. Eles sentiam que Chiara continuava este relacionamento com eles. E também nós sentimos o mesmo, não é?

Jesús: Sim, de fato tivemos quatro momentos de diálogo inter-religioso, muito diferentes: em Nova Deli, em Kalhapur com Didi, em Coimbatore com o Shanti Ashram e também em Mumbai. Todos diferentes, todos com uma grande riqueza.

O que mais impressiona é a qualidade intelectual e espiritual desses nossos hindus, porque são personalidades. Tínhamos a impressão de aprender profundamente. E a capacidade única deles de perceber o divino nas pessoas, o essencial. De forma que o relacionamento é logo profundo.

1 Mumbai (Índia), 12/01/2001

2 Collegamento CH 25/01/2001 – viagem de Chiara Lubich à Índia

3 Collegamento CH 25/01/2001 – viagem de Chiara Lubich à Índia

4 Calcutá (Índia), 10 de janeiro de 2001

5 Coimbatore (Índia) 8 de janeiro de 2001 – Entrevista de Pietro Cocco da Rádio Vaticana

Eles reafirmaram sempre que, para eles, Chiara é uma presença de Deus muito forte. E eles souberam perceber isso. Muitas vezes falavam de um conceito que é muito deles: a divindade de Chiara, que os tocou. E vivem ainda disso.

Emmaus: Gostaria de falar sobre o encontro com Didi Talwalkar, a segunda, aquela que leva para a frente a herança de seu pai, que começou um grande Movimento de renovação no hinduísmo. Ela quis que eu estivesse presente num encontro que ela faria com uma grandíssima parte da sua família, cerca de 50.000 pessoas. Eram casais que tinham ido fazer uma ação: levar o amor de Deus às aldeias e que no fim se reuniram num templo como conclusão dessa peregrinação onde testemunharam o amor de Deus. Diante dessas 50.000 pessoas, além de me pedir para falar, além de ter que contar a minha experiência, ela mesma quis contar a sua experiência com Chiara, o seu relacionamento com o Movimento. Ela me apresentou a todos como uma líder que levava tudo isso para frente junto com eles. Era o testemunho de uma pessoa, líder de outro Movimento, que distinguia o seu do nosso, mas que, ao mesmo tempo, dizia: "Estamos caminhando juntos para o mesmo caminho". Diziam isso com imagens, porque prepararam um vídeo que mostrava o seu relacionamento com Chiara, o encontro que teve comigo, indicando que havia uma continuidade, que continuávamos fazendo o que Chiara tinha começado.

Jesús: No Shanti Ashram nos sentimos em casa. É como entrar numa nossa Mariápolis permanente. Se sente uma tal comunhão, um tal relacionamento entre todos, também pelo influxo dos contextos gandhianos, isto é, onde se sente Gandhi presente. É uma expressão muito bela do hinduísmo, inclusive nova, e nos sentimos bem. Coimbatore é um ambiente especificamente gandhiano. Ali no Shanti Ashram nos sentíamos muito bem, também nos projetos sociais com as crianças, com as mulheres. Havia uma sintonia muito grande, e se sente a passagem do Movimento Juvenil pela unidade. Nós ali nos sentíamos em casa.

Emmaus: Muito belo.

Gianni: Vocês também estiveram na casa de Gandhi?

Emmaus: A casa em que Gandhi foi assassinado, não era a casa dele. Era o seu alojamento em Delhi, digamos, onde ele se encontrava com os seus discípulos e onde fez, naquele último dia, a oração da noite e um fanático o matou.

Mas também ali foi muito impressionante para mim. Havia um clima sagrado, divino naquele ambiente. A casa possui ambientes onde se vê como ele tecia, ele fazia tecelagem, como encontrava as pessoas e também um mausoléu que é o ponto onde ele caiu morto pelas mãos do seu assassino. Porém, num lugar que diz martírio, violência, porque ele sofreu pela violência, tudo falava de paz. Havia harmonia. Deixava no coração uma serenidade que só podia ser sobrenatural, divina. Era o testemunho de um homem que venceu a violência com a não violência. E isso transparecia dele, mas transparecia também no povo. Via-se isso em todos os que estavam ali. Havia uma sensação de paz e de serenidade.

Jesús: Sim, creio que recebemos um graça naquele momento; uma graça que vinha de Deus.

Maria: Realmente fascinante.
Jesús: Muito especial.
Maria: É fascinante o que vocês nos contam.

Emmaus: Estivemos num Templo Bahai, acompanhados pelo diretor, o doutor Mashan, que também é um grande amigo de Chiara. Ele quis que um de nós recitasse uma oração cristão nesse Templo enorme, onde todos passam para rezar e também nós rezamos. Nós recitamos juntos o Pai nosso, numa atmosfera de profunda espiritualidade.

Jesús: Em Trichy visitamos um Templo hindu. Era o dia da independência da Índia, portanto estava lotado e vimos as crianças, os sacerdotes de perto, porque não podíamos entrar na *Santa Sanctorum [no ambiente sagrado deles]*, enfim, foi uma experiência que nos marcou muito.

4) **ÍNDIA – O DESAFIO DO DIÁLOGO**

Maria: Agora veremos um vídeo que nos ajuda a entrar neste diálogo inter-religioso, tão essencial para esta terra.
(música)

Locutor: Voltando da Índia, tem-se a impressão de um país moderno, projetado em direção ao futuro, mas fortemente enraizado numa tradição milenar. As minorias cristãs, muçulmanas, siques e budistas estabelecem o diálogo com o hinduísmo, religião de 78% da população

Meenal Katarnikar, Department of Philosophy, Universidade de Mumbai (em inglês):
As religiões têm um papel importante na Índia porque a psique indiana é fortemente “guiada” pela religião. Somos intimamente ligados à nossa crença religiosa; esta função fundamental da fé na vida das pessoas, faz com que as religiões se concentrem nos valores que propõem.

Namita Nimbalkar Department of Philosophy, Universidade de Mumbai (em inglês):
A Índia possui uma das mais antigas civilizações; mas a Índia também viveu um processo de assimilação de outras culturas (...) Com o tempo, o fundamentalismo está aumentando. É preciso fazer alguma coisa para detê-lo: o diálogo inter-religioso, o diálogo entre os vários credos é essencial.

Locutor: O diálogo inter-religioso contribui para a compreensão mútua e tende para a paz e a justiça. O Movimento dos Focolares e o Shanti Ashram de Coimbatore, um movimento hindu inspirado no pensamento gandhiano, trabalham juntos desde 2001 em projetos de desenvolvimento e de formação das novas gerações para a paz.

Namita Nimbalkar Department of Philosophy, Universidade de Mumbai (em inglês):
Os jovens têm uma função importante: são conscientes da necessidade de serem unidos. Se os jovens seguem o caminho certo – e para isso os verdadeiros líderes são essenciais – eles

certamente terão um papel determinante na construção da nação.

Laxman (em inglês): Estamos tão concentrados em alcançar o mesmo Ideal que, num certo ponto – é o que eu sinto – nos esquecemos que pertencemos a religiões diferentes. Não tem importância que eu seja hindu. Os meus melhores amigos são um católico e um muçulmano. Aquilo que importa é a unidade. [...] Todas as vezes que fazemos alguma atividade, que decidimos fazer um evento para mudar uma situação, trabalhamos todos juntos

Meenal Katarnikar, Department of Philosophy, Universidade de Mumbai (em inglês):

O Focolare tem um método muito particular para se aproximar da religião. Embora a maioria seja cristã, vivem pela humanidade inteira, pela unidade do mundo. Se observamos o focolare do ponto de vista hindu, tudo o que diz respeito à humanidade é comum entre o Focolare e o hinduísmo

Sou Raul de Mumbai, e esta é a minha mulher Mitali. Estamos casados há 15 anos e somos de contextos bem diferentes. Eu venho de uma típica família católica tradicional de Mumbai e Mitali provém de uma família hindu tradicional.

Mitali: Para mim o focolare é como uma família alargada. Todos os amigos de Raul são também meus amigos. É o que sinto. Quando tenho algum problema, me comunico com eles e estão sempre disponíveis, em todos os momentos.

Namita Nimbalkar Department of Philosophy, Universidade de Mumbai (em inglês):

Quando interagimos, descobrimos que, sob as diferenças, existe unidade. Há um fio de ouro que liga tudo e é o amor. Quando falamos do amor, embora nos expressando com línguas e palavras diferentes, falamos uma língua que todos os povos do mundo entendem

Locutor: Chiara Lubich, fundadora dos Focolares, durante as suas viagens à Índia em 2001 e 2003, abriu o caminho do conhecimento recíproco e da fraternidade, que continua crescendo entre os adeptos de diversas religiões.

Prof. Sureshchandra Upadhyaya (em inglês): Nos últimos 16 anos tive mais contato com o Focolare, especialmente com Chiara. Sinto dentro de mim uma paz cada vez maior. Li alguns escritos de Chiara, participei dos simpósios em Roma e todas as vezes aprendi alguma coisa. Agora penetrei mais profundamente na filosofia de Chiara, aquela do Amor. E percebi que a filosofia de Chiara não é a filosofia de Chiara, é a filosofia da humanidade. É dirigida a cada ser humano (...) Chiara pertence à humanidade. E quando falamos com ela ou lemos um livro seu, percebemos que estamos lendo algo de nós mesmos.

Gianni: Estas palavras de Upadhyaya são muito bonitas e impressionam muito. Vocês encontraram também o mundo acadêmico em Mumbai, creio.

Jesús: Sim.

Gianni: Qual é o interesse hoje, neste ambiente, pela mensagem de Chiara?

Jesús: Upadhyaya é um homem de um calibre espiritual e intelectual extraordinário. É um profeta no sentido mais bonito da palavra. Uma das professoras nos disse uma frase: "O fulcro do hinduísmo é a divinização do homem e a humanização de Deus". Sobre isso se pode estudar muito. Fizemos projetos concretos, continuando o que já foi feito na época de Chiara.

5) ÍNDIA – O PROJETO ILANTHALIR (“NOVOS REBENTOS”)

Maria: Vocês conheceram os grandes contrastes desta terra, a busca da inovação tecnológica em Bangalore, o ambiente rural de Trichy, no Estado do Tamil Nadu, no Sudeste do país. Vocês conheceram pessoalmente um dos muitos projetos, o projeto Ilhanthalir. Os nossos enviados nos falam sobre isso através de um vídeo. (música)

Jennifer (em tamil): Ela é minha mãe e faz trabalhos manuais, ela é minha irmã e esta é a nossa casa. (música)

Nosso pai nos abandonou. Graças a Ilhanthalir eu pude estudar sem dificuldades. A minha casa é muito pequena, vou na casa da minha professora para poder estudar depois da escola. Eu estudo muito para ter boas notas. (música)

S. George Albert – empresário do Ilhanthalir Trust (em inglês): Sou Alberto. Quando me aposentei, como bancário, eu me perguntei como ser útil para a sociedade. Foi então que conheci o padre Susai.

Com a ajuda do Movimento dos Focolares (...) padre Susai Alangaram abriu o Centro Karungulam, um orfanato que acolhia 50 crianças, dando refeições e educação. (...) “Famílias novas” com o programa “ajuda à distância” permitiu aumentar o número das crianças ajudadas; abrimos depois outros centros. (música)

Fr. A. Susai Alangaram – Diretor Ilhanthalir Trust (em inglês):

Depois de ser ordenado, me tornei pároco de uma das duas aldeias. (...) É uma área distante, com muito campo e gente pobre. (...) Quando o rebento verde de uma planta é cultivado bem, cresce forte. Ao mesmo tempo, se as crianças são bem cuidadas pelas famílias, com alimentação, educação, etc., crescem bem e – com o tempo – por sua vez cuidam da própria família e da sociedade. Demos a este projeto o nome de Ilhanthalir (...) que em Tamil significa “novos rebentos”, ou seja “a criança na família”.

S. George Albert – manager Ilhanthalir Trust (em inglês): Existem três grupos de crianças. Uma primeira solução é aquela em que chegam à escola para a aula, continuam com aulas à tarde, junto ao Centro e depois voltam para casa. No segundo caso, as crianças vivem numa casa onde nós pagamos a mensalidade, instrução, alimentação e hospedagem. Numa terceira opção, as crianças vivem no nosso Centro Karungulam. (...) Crescem aqui até aos 10 – 12 anos, quando são transferidas para outras escolas para o estudo superior (...). De modo indireto ajudamos as famílias e as crianças. Aos estudantes pedimos para poupar um pouco de dinheiro todos os meses para que tenham algo para os estudos futuros.

Fr. Susai Alangaram – Diretor Ilhanthalir Trust (em inglês):

Quando comecei o meu ministério sacerdotal, tinha um plano completamente diferente. Queria ser biblista. Pedi ao meu bispo para estudar Sagrada Escritura. Ele permitiu, mas depois me deu uma paróquia num lugar distante (...) Disse: "Creio que seja a vontade de Deus", (...) Olhando para trás, vejo que os planos não foram os meus, mas percebo que os planos de Deus são sempre melhores do que os nossos. (música) – Só o escrito

O projeto Ilanthalir deu até agora a possibilidade a 35 jovens de se tornarem engenheiros, 150 pós-graduados, 300 diplomados, 150 enfermeiros, e 200 professores e técnicos. 90% deles têm um trabalho estável e contribuem por sua vez com o Projeto Ilanthalir.

Gianni: Neste grande mundo hindu os cristãos são 2%, numa população de mais de um bilhão. Qual a impressão de vocês?

Emmaus: A impressão de uma Igreja pequena mas viva, vivíssima. Já se percebia através desse sacerdote e pela obra que faz. Eu foi convidado por Dom Machado para apresentar a minha experiência na conclusão do ano da vida consagrada numa igreja cheia de gente. Dom Machado mesmo traduzia o que eu ia dizendo, porque percebeu que o inglês não era suficiente. Ele traduzia em marata, que é a língua local. Ele era o tradutor. Também desejava que se acentuasse a nossa vocação à santidade, a nossa vocação como chamado à santidade e a espiritualidade de comunhão que nos ajuda a vivê-la.

Porém, quando me saudou, ele disse: "Saudemos a Presidente do Movimento e toda a sua delegação em nome de toda a comunidade, que é composta por católicos, cristãos de outras Igrejas, hindus, muçulmanos...", em nome de todos.

Jesús: Basta pensar que o índice de prática religiosa supera 90%. Logo, se temos 100 cristãos num lugar, 99 vão à Missa aos domingos e são praticantes. Isso não só na Igreja católica, sabemos que também a Igreja ortodoxa no sul é viva e também as outras Igrejas. Uma coisa bela é que a Obra está muito bem inserida na Igreja. É muito estimada. Vimos isso nos contatos com os bispos que visitamos.

Maria: Agora precisamos concluir esta interessante viagem que vocês nos deram a possibilidade de fazer. Queremos pedia ainda uma última palavra: o dom da Índia para o mundo, na opinião de vocês.

Jesús: Digo que sinto muito forte isso: a Índia é um grande dom. Eles amam muito o pluralismo e a tolerância, mas o interessante é ver como o vivem: eles o vivem num modo inclusivo. Eles dão espaço para que cada um possa manifestar muito explicitamente a própria fé também com os seus símbolos, os seus gestos.

Este é um dom para o Ocidente, que vive o pluralismo num modo quase excludente. Aqui o pluralismo significa que você não deve manifestar o que você é para ser tolerante e nem mesmo renunciar ao que é, aos próprios símbolos – foi o que vimos recentemente – para ser tolerante. Para eles é o contrário: o modo deles de ser tolerantes

Emmaus: Este silêncio significa também esta alma religiosa do povo indiano, por isso, num certo momento, eu disse: "O dom que vocês podem dar ao Ocidente é o de fazer-nos descobrir o sentido de Deus, o fato de sentir Deus".

Gianni: Obrigado, Emmaus, obrigado, Jesús por esta esplêndida viagem que fizemos à Índia.

6) SÍRIA - TELEFONEMA COM DAMASCO

Gianni: Agora vamos mudar de assunto. Vivemos horas decisivas para o acordo de “cessar fogo” na Síria. Depois de 5 anos de guerra, a situação tornou-se extremamente difícil, a população sofre muito. As comunidades do Movimento escreveram que, no período de Natal, foram, dois a dois, visitar as famílias que tinham mais necessidades, perguntando às crianças o que elas gostariam de ganhar do Menino Jesus. Escrevem: “Não tínhamos dinheiro, mas decidimos renunciar a alguma coisa, certos de que a providência chegaria”. E foi realmente assim. Especialmente de Trento e de uma comunidade local de Milão, enviaram uma boa quantia de dinheiro.

Maria: Em Damasco prepararam uma ceia de Natal para 250 pessoas e organizaram uma festa com jogos, cantos e danças, presentes para 133 crianças e uma ajuda econômica para 47 famílias. Em Kafarbo, um lugarejo cristão no centro do país, os gen 3, ajudados pelos adultos, visitaram 62 famílias, compraram roupas para as crianças, cestas de alimentos e instalaram novas baterias que garantiram a eletricidade onde não tinha. Em Alepo preparamos duas festas de Natal e ajudamos 90 famílias e 150 crianças. Algumas gotas no mar, mas as pessoas diziam: "Este é o Natal mais lindo da minha vida".

Gianni: Agora deveríamos conversar por telefone com Radast de Damasco, mas estamos com dificuldades técnicas e tentaremos mais tarde...

Vocês escutam! Radast?**Radast:** Sim, escuto. Olá Emmaus, Jesús, e todos no mundo inteiro. Obrigada pelas orações de vocês, pela ajuda concreta que continua chegando de tantos lugares.

A situação é sempre trágica, mas agradecemos a Deus que protege a todos, os amigos e todos nós do Movimento, dos muitos perigos.

É um grande sofrimento escutar as notícias, saber que muitas pessoas morreram ou ficaram feridas nas batalhas, nos bombardeios nos bairros, que continuam em várias frentes, nas explosões de carros bomba ou de terroristas que explodem no meio de pessoas inocentes. Também os cortes de energia, de água, que são insuportáveis, e o fato de saber que muitas pessoas perdem o trabalho ou que não conseguem mais sustentar as necessidades da família por causa do preço dos alimentos, ou perde a casa, etc.

Não vemos no horizonte uma solução para o restabelecimento da paz, porque nenhuma das partes deseja realizá-la...

Mas o que traz mais sofrimento para a população e a Igreja é a fuga dos cidadãos, dos cristãos, em primeiro lugar, que são uma riqueza insubstituível para a reconstrução da Síria. Emigram não só para fugir das bombas, da vida sempre mais cara, mas porque, depois de 5 anos de conflito absurdo, que semeou quase 300 mil mortos, os homens não querem mais se alistar porque estão expostos a uma morte certa.

Para nós e para aqueles que conheceram o focolare e permanecem no país, é uma dor ver muitos membros da Obra, de várias cidades, irem embora, e ver a angústia daqueles que permanecem, e se questionam se deveriam ou não partir..

Apesar de tudo, o Ideal da Unidade continua sendo a luz para muitos que nos conheceram. Encontramo-nos com eles periodicamente para aprofundar a espiritualidade e ajudar-nos reciprocamente. Na semana passada, Pascal, um focolarino de Aleppo, encontrou 11 pessoas do Movimento que ficaram na cidade destruída de Homs, felizes de se encontrarem depois de tanto tempo. Nós, focolarinas, encontramos 14 jovens de duas cidades do litoral, no norte do país. Ontem foi feito um encontro em Damasco para as crianças e para as famílias. Passaram o dia juntos para aprofundar a espiritualidade, a misericórdia e o relacionamento com Deus. Novas pessoas, em várias cidades, entram em contato com o focolare, como cerca de dez jovens e algumas famílias de Aleppo... As pessoas querem viver, e a única necessidade delas é viver em paz.

Continuamos rezando com o Papa e com todos vocês para que Deus desperte a consciência dos chefes das grandes potências, para que deixem de lado os próprios interesses e trabalhem para que haja paz na Síria o mais rápido possível. Obrigada a todos!

Maria: Obrigada a vocês.

Emmaus: Obrigado, Radast. Estamos com vocês! Vocês sentem isso, não é?

Radast: Sim, sentimos!

Emmaus: Saibam que em cada sim que vocês repetem, a Obra inteira diz sim com vocês, e que nada é impossível para Deus. E rezemos juntos pela paz!

Radast: Sim. Obrigada, Emmaus.

Gianni: Tchau, Radast, obrigado.

Gianni : Agora vamos para a Basileia, na Suíça, uma cidade onde 34% dos habitantes é formada por imigrantes. Aqui, a comunidade paroquial de São José iniciou um projeto de acolhida que, inicialmente, contrastava com as leis vigentes. Mas agora está se tornando um modelo de integração entre culturas e credos diversos, entre realidade civil e política. Vamos ouvir.

7) SUÍÇA – “BASILEIA, UMA CIDADE CONTRACORRENTE”

Ruedi Beck, Pároco de St. Joseph, Basileia - Suíça (em alemão): Estava aqui há pouco tempo quando, durante um inverno, muitos que pediam asilo vieram para cá, ficando pelas ruas sem nenhuma ajuda. Conseguimos acolher muitos deles, entrando em conflito com a lei. Fomos acusados e denunciados. Precisávamos pagar uma multa bem cara, mas nos recusamos. Levaram-nos ao tribunal. No final fomos absolvidos porque reconheceram que o nosso empenho era dever do Estado.

Yvonne, Jamaica (em inglês): Quando chegamos aqui na comunidade de São José, percebemos que não existem distinções porque, com ou sem documento, todos são bem-vindos. Quando chegamos, pensamos: “Consegui, não corro mais perigo. Estou seguro”. Mas, na verdade,

começaram outros problemas. E nós, como igreja, devemos ajudá-los e lutar com eles para que os seus direitos sejam reconhecidos. Devemos acompanhá-los aos lugares e instituições para regularizarem os documentos.

Alexander, Alemanha (em alemão): Diante de tantos refugiados nos perguntamos o que significa “acolher” as pessoas, convidar para entrar na nossa casa... Hoje encontramos 15 pessoas de doze nacionalidades.

Michel, Suíça (em alemão): Queríamos criar um ambiente, uma ponte entre a paróquia, o bairro e as diversas culturas, um lugar de repouso que facilitasse os relacionamentos. Estamos aqui há seis meses e na hora do almoço está sempre cheio... Desde o início queríamos envolver no trabalho mulheres migrantes e refugiadas. São muito melhores do que os colaboradores da Suíça que tínhamos antes. São muito importantes as conversas sobre o tema da integração que fazemos aqui...

Robertina, Suíça (em alemão): A minha família vem do Kosovo. Muitas vezes fazemos viagens com as crianças e os adolescentes, mostrando para eles que é bom ser igreja ; que não devem se envergonhar da religião. Percebemos que os jovens não falam mais de religião.

Ruedi Beck (em alemão): Naturalmente havia resistência por parte da população autóctone que vive aqui desde sempre: sentiam-se pressionados e amedrontados pelos estrangeiros. Mas, à medida que convidávamos as pessoas que pediam asilo a nós, os suíços descobriam o valor destas pessoas, a fé delas.

Michel, Suíça (em alemão): Fomos muito bem acolhidos pela comunidade. Aqui existe realmente um espírito fraterno. Conhecemos muitos amigos. Ficamos orgulhosos quando Bijoux e Sola e a família deles nos convidaram para testemunhas de casamento.

Ruedi Beck (em alemão): No nosso bairro moram o mesmo número de pessoas católicas e muçulmanas. Nasceu uma amizade com o Imã Mohammed.

Muhammed Tas, Turquia - Imã First Mosque, Basileia (em turco): Os nossos adolescentes vieram visitar hoje esta igreja. Queriam saber como os cristãos rezam e viram como é a oração deles. Estamos muito felizes. Descobriram que este modo cristão de rezar é muito belo. Desejamos continuar estas visitas. Também os cristãos visitam as mesquitas.

Guy Morin, Presidente do Cantão, Basileia – Suíça (em alemão): Na paróquia São José, dá uma grande contribuição porque ali os novos migrantes, também aqueles que pedem asilo político e as pessoas em dificuldade, encontram um lugar para descarregarem os próprios pesos, ver outras pessoas e estabelecer relacionamentos...Impressionou-me ver como valorizam as diversas culturas e religiões.

Maria: Esta história nos dá muita esperança. Obrigada por contá-la a nós.

Gianni: A ação desta comunidade ajudou a modificar as leis para que respondam de modo apropriado aos novos desafios.

8) USA – É APENAS UMA QUESTÃO DE RELACIONAMENTO

Maria: Vamos mudar de continente e focalizar os Estados Unidos. Como vemos nos noticiários de todos os dias, ali estão em plena campanha eleitoral. Fomos à casa de Dick e Shirley, em Tucson no Arizona. Ela é democrática e ele republicano.

Locutor: Dick and Shirley Marquis (se pronuncia Markis) vivem em Tucson, Arizona. Tem 9 filhos e 22 netos. São casados há quase 60 anos. O fato incrível é que, assim que se casaram, descobriram algo que podia mudar radicalmente a história deles.

Dick: Um dia, no estacionamento, uma senhora me perguntou: "Por que vocês colocaram no carro o símbolo republicano e aquele democrático; não conseguem se decidir?" Eu expliquei que minha esposa é democrática e eu republicano. (música e gráfica)

Shirley: Nunca tínhamos falado de política e sendo de Massachusetts, um estado predominantemente democrático, pensei que também Dick provinha de um estado democrático. [...] Quando ficamos noivos percebi que não éramos do mesmo partido político e ... era tarde demais para voltar atrás.

Dick: No início não foi um grande problema. Eu não era ativista. Depois que nos casamos, virei ativista no Clube Republicano dos Jovens. [...] Só então entendi, e ela me fez notar, quanto ela era fortemente democrática!

Shirley: Conversamos muito sobre isso e cada um tentava convencer os outros de todas as maneiras a aceitar o próprio partido.

Dick: Sabíamos bem quanto o nosso relacionamento era importante e foi isso que nos levou a escutar e respeitar um ao outro também neste campo. Não temos que estar de acordo por força, mas acolher-nos e respeitar-nos por aquilo que somos.

Shirley: Ele gosta de seguir um canal de televisão para ouvir as notícias e eu outro. O dela tem uma leitura muito "republicana", o meu muito democrática. Por isso vemos os dois canais. Quando vemos o dele, parei de reclamar, porque não era sinal de respeito, de escuta verdadeira, de compreensão real do outro. Trata-se de entrar na pele do outro, no seu modo de pensar. Gostaria de dizer que é uma coisa fácil, mas às vezes não é. Eu me apaixono pelas questões mas não devem ser o centro do meu relacionamento. Às vezes significa renunciar à própria ideia, mas isso não é diluir aquilo em que se crê, mas evitar que se torne um problema. É uma questão de relacionamentos. (música)

Maria: Obrigada a Dick e a Shirley, e felicidades pelos 60 anos de aniversário!

9) DORI ZAMBONI – ESTAR NO “JOGO” DA VONTADE DE DEUS

Maria: Nas últimas semanas deixaram esta terra duas colunas dos primeiros tempos do Movimento dos Focolares: Dori Zamboni e Giorgio Martelli, conhecido como Turnea. Dori foi aluna de Chiara e fez parte com ela do primeiro grupo das focolarinas em Trento. Vamos ouvi-la.

Dori Zamboni: [...] Alguém me perguntou, vindo aqui, o que posso dizer neste momento. Também o fato de não estar bem, esta doença longa [...] me colocou diante da realidade da vontade de Deus, que todos conhecemos, e que eu pensava que a estava fazendo. Porém, muitas vezes a fazia do meu jeito. Ultimamente, devido a circunstâncias, a ter que fazer o que os médicos queriam, o que o físico dizia e a não poder fazer tudo o que eu desejava... inclusive nas coisas pequenas e mínimas, dizer: "Faço a vontade de Deus" às vezes é difícil. Eu ainda devo aprender a fazê-la, devo começar, porque Jesus disse: "Não a minha mas a tua vontade". É algo a ser feito em cada momento presente, aliás, tenho a impressão de que amar é fazer a vontade de Deus, porque Jesus o diz, mas é como um pêndulo, que diz: "Eu quero fazer isso". "Não, devo fazer a vontade de Deus", justamente como Ele: "Não a minha, mas a tua". É Jesus que diz: "Meu Deus, por que me abandonaste?" e em seguida: "Em tuas mãos...". É que, para amar, é preciso estar entre a realidade contínua de sair de nós mesmos e entrar no divino. Provavelmente é o Espírito Santo que carrega o pêndulo para que funcione.⁶ (aplausos)

10) GIORGIO MARTELLI (TURNEA) – O DIA QUE REVOLUCIONOU O SINDICALISTA

Gianni: Giorgio Martelli era um sindicalista e conheceu Chiara num encontro que o transformou radicalmente. Vamos ouvir o que ele nos conta.

Turnea: [...] Eu trabalhava em Roma; era sindicalista. Atuava no sindicato dos trabalhadores. Graziella me disse que havia um encontro com Chiara; ela estava em Ostia e ia se encontrar com as focolarinas e os focolarinos... Eu não era nada no Movimento... Porém, eu não conhecia Chiara e por isso ela me levou para Ostia [...]. Chiara falou o dia inteiro sobre a Trindade.

Eu era cristão... mas a Trindade era uma parte do cristianismo, embora muito importante. [...] Para mim, ouvir Chiara falar sobre a Trindade, ou melhor, levando-nos a viver, compreender, entrar na vida da Trindade, fez com que esta realidade permanecesse como ponto central na minha vida.

Também porque eu tinha um problema, que era o relacionamento com Deus, que eu buscava... Recebi uma educação cristã, etc. Por causa do meu trabalho como sindicalista, estava sempre em luta com os próximos que, na maioria, eram patrões, empresários; mas eu dava murros na mesa, brigava. Entre essas duas realidades: a união com Deus e os irmãos, não havia uma [ligação]...

⁶ De um discurso de Dori Zamboni num encontro de focolarinas no Centro Mariápolis de Castelgandolfo, 07/12/1993, por ocasião dos 50 anos do Movimento dos Focolares.

Aconteceu isso: dentro da minha alma o amor de Deus se fundiu com o amor ao irmão; entendi também que o Evangelho, a vida de Deus, a vida trinitária, podia resolver os problemas da humanidade, criar a sociedade. Esta foi a revolução para mim. [...] ⁷

Gianni: Obrigado com todo o coração a Dori e a Turnea.

11) TAILÂNDIA – DIALOGANDO COM O GRÃ-MESTRE AJAHN THONG

Maria: Vamos agora para a Tailândia, precisamente para Chang Mai, no norte. Foi feita uma entrevista de certa forma excepcional a Ajahn Thong, Grão-Mestre do budismo tailandês. Chiara estabeleceu com ele, durante anos, uma profunda amizade, que emerge claramente das suas palavras.

Roberto Signor, Chiang Mai – Tailândia (em inglês): Estamos chegando em Chom Thong onde se encontra o templo de Ajahn Thong. Ajahn Thong convidou Chiara à Tailândia em 1997. Chiara esteve aqui e falou aos monges, monjas e leigos budistas em Chiang Mai.

(música)

Hoje, aqui no templo em Chom Thong, o dia é dedicado a Buda. Um dia da semana todos os monges e os fieis da aldeia chegam para rezar juntos. Podemos agora ver este momento de oração comum.

(ambiente e música)

Rev. Ajahn Thong Sirimangalo Grã-Mestre do budismo theravada, Chiang Mai - Tailândia (em tailandês com subtítulo em italiano):

O mundo pode atingir a harmonia com os quatro elementos do Dharma:

“Meta” (misericórdia) = ser misericordiosos uns com os outros

“Karuna” (compaixão) = superar o sofrimento, ajudar aqueles que sofrem

“Mutthitha” (alegria cordial e gentileza) = ajudar e encorajar as pessoas boas

Se não virmos os frutos desses três elementos do Dharma, não desanimemos, mas "deixemos correr" e este é o quarto elemento

Ubeka" (calma mental).

Seguindo esses quatro elementos do Dharma, o mundo atingirá a paz, senão ele vai sofrer.

Trago os Focolares no coração, sobretudo Chiara. O mundo não sorri. Cabe a nós difundir a misericórdia. Chiara está sempre conosco.

12) CHIARA LUBICH – A POTÊNCIA CRIATIVA DA ESCUTA QUE GERA DIÁLOGO

⁷ De um discurso espontâneo de Giorgio Martelli (Turnea) num encontro de focolarinos no Centro Mariápolis de Castelgandolfo, 14/12/2008.

Gianni: Se quisermos dar um título a esta Coligação é justamente DIÁLOGO. Mas como fazer para dialogar? Vamos ouvir uma resposta de Chiara.

Chiara Lubich – A potência da escuta criativa que gera diálogo⁸

Crusana (Colômbia): *"Caríssima Chiara, percebemos que você é especialista em inculturação também no particular aspecto do "fazer-se um" que é silêncio, escutar profundamente o outro. Qual é a sua experiência neste sentido?"*

Chiara Lubich: A minha experiência é a seguinte: (o) neto de Gandhi, que conheci uma vez na Suíça, me disse: "O caminho é 'escutar'. Talvez ele tenha dito isso porque na Índia existe uma riqueza, um contraste tão grande, que é preciso conhecer antes de pronunciar qualquer palavra. E eu acolhi o que ele me disse. [...] Em Coimbatore, [...] comeci o meu discurso assim: "Eu vim à Índia para escutar. Estou aqui. Mas vocês me pediram para falar, então eu falo, depois teremos tempo... Em todo caso, tenho 18 dias para escutar." Procurei manter sempre esta atitude. E percebi que o diálogo, esta atitude de ter ido para escutar, é fabuloso porque primeiramente nos inculturamos, entramos na cultura do outro, na sua linguagem, e entendemos como ele se comunica. Como Jesus que, nas parábolas, falava da videira, dos ramos, das flores, dos lírios do campo, porque era esta a cultura do lugar, e o entendiam. Por isso, escutando, eu percebi que, sem querer, estava me inculturando, que conseguia penetrar e entender a linguagem deles. Prepararam-me alguns escritos para que eu pudesse me informar mais e entendi melhor estes escritos, os provérbios deles. Um destes provérbios que, a meu ver, é especial, fala do amor ao inimigo, que é tipicamente cristão, mas que também eles assumiram. Não sei se o assimilaram de nós ou se foi o Espírito Santo que lhes deu, mas eles o possuem. Eles têm outro provérbio, sobre uma madeira, o sândalo perfumado, que diz: o machado corta o sândalo e ele se vinga, deixando-o perfumado. É a vingança de amor, significa amar o inimigo. Escutando, é possível compreender e depois, falando, evidenciamos esta linguagem, estes provérbios, o que aprendemos para expressar o que desejamos. Quando escutamos - eu escutei durante horas -, temos ainda outra vantagem. Depois de ter escutado, eles também sentem o dever de escutar, ou por gentileza ou porque é lógico. E perguntam: "E você?" Então eu disse: "Mas eu vim à Índia para escutar." "Sim, mas qual é a sua espiritualidade, o seu modo de viver? Que guru você é?" Então expliquei o meu guru. Mas isto vale para todos os tipos de diálogo: para o diálogo inter-religioso, ecumênico, porque não conhecemos as diversas Igrejas, e também para o diálogo entre nós, católicos, porque não conhecemos as outras instituições, os outros Movimentos, as demais realidades. Nós conhecemos o mundo em que vivemos. É preciso agir assim. (Aplausos)

13) SAUDAÇÃO CONCLUSIVA

Maria: Escutar para conseguir dialogar. "É preciso agir assim", nos disse Chiara. E queremos assegurar-nos reciprocamente que nos empenharemos em viver o que ela nos diz, em todos os lugares do mundo!
Chegamos ao final da nossa transmissão mundial.

⁸ Resposta n. 6 - Chiara Lubich aos habitantes de Loppiano, 7 de fevereiro de 2001.

Uma saudação especial a todos, em todos os lugares em que vivem!

Gianni: Até a próxima Coligação! Será dia 9 de abril, às 18h.

Maria: Até breve!